Universidades em transformação: o impacto dos programas governamentais de fomento

Transcrição – versão em português brasileiro

Interlocutores: Abílio Baeta Neves (Brasil) e Bernd Engler (Alemanha)

Data: 29 de outubro de 2025 | **Duração:** 42:50 min

Abílio Baeta Neves: Bom dia, Bernd. É uma honra para mim estar aqui hoje.
Nós nos conhecemos há pelo menos onze ou doze anos, já nos encontramos várias vezes nesse período e, principalmente, tivemos um tema central também nas nossas conversas.
Para mim, há dez, doze anos, era um tema muito candente: a Iniciativa de Excelência na Alemanha.
E foi por isso que você também foi convidado ao Brasil, para falar um pouco sobre a experiência dessa iniciativa e sobre a experiência da Universidade de Tübingen. Isso foi muito interessante para mim, porque naquela época eu era presidente da CAPES. A CAPES é uma organização do Ministério da Educação que apoia os programas de pós-graduação, de mestrado e doutorado, e também é responsável pela avaliação desses programas. E a CAPES estava, nesse contexto, no centro da formulação da política de ensino superior e da política científica no Brasil. E a Estratégia de Excelência, na época chamada de Iniciativa de Excelência, já era para mim um tema extremamente interessante. E agora vejo que estamos voltando parcialmente a esse tema. E isso me agrada.

Bernd Engler: Em outras condições atualmente, com outras condições de financiamento no Brasil, mas também na Alemanha. Mas eu me lembro muito bem do nosso primeiro encontro. Provavelmente foi até um pouco antes, em 2010, durante uma primeira visita ao Brasil.
Mas aquele encontro em Porto Alegre, em que discutimos a nossa Iniciativa de Excelência alemã e a questão de saber se esses formatos de financiamento poderiam ser transferidos para o Brasil, foi um evento muito interessante. E foi ótimo poder encontrar você, Abílio, naquela época como presidente da CAPES.
Acho que você também organizou, de modo geral, esse encontro com diferentes universidades brasileiras que vieram a Porto Alegre. E eu pude apresentar o programa alemão de excelência. Ele foi recebido com grande interesse por muitos participantes.
Mas é claro que nossos sistemas universitários são tão diferentes que não é possível simplesmente transferi-lo de um país para o outro.
Talvez possamos começar nos apresentando brevemente aos ouvintes, contando o que cada um de nós fez ao longo da vida.

Abílio Baeta Neves: Sim. Meu nome é Abílio Baeta Neves, sou brasileiro, fiz meu doutorado em Münster, na Universidade de Münster, em Ciência Política. Depois me tornei professor de Ciência Política na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, e posteriormente fui presidente da CAPES duas vezes, em dois períodos diferentes. Atualmente sou assessor da Pró-reitora de Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

E é natural para mim trabalhar com temas de política científica, política universitária e estudos sobre o ensino superior, principalmente com a política universitária como um todo no Brasil. Faço isso há pelo menos 30 anos.

Bernd Engler: Sim, no meu caso a trajetória também já dura alguns anos. Meu nome, aliás, é Bernd Engler. Estudei em Freiburg, Inglês, Alemão e Filosofia, e depois, em 1992, fui para Tübingen, para uma cátedra de literatura americana e história intelectual, à qual me dediquei com grande entusiasmo.
Eu amo a pesquisa, mas também amo o ensino. Em 2006 fui nomeado reitor da universidade, fui reitor durante 16 anos, até três anos atrás, e atualmente continuo atuando voluntariamente em uma ou outra organização na área científica.
Isso é um pouco da minha trajetória. Mas, de fato, o Brasil também foi uma experiência muito marcante para mim. Minha primeira visita foi a uma estação de pesquisa que a Universidade de Porto Alegre, nossa universidade parceira, a PUC, do Rio Grande do Sul, e a Universidade de Tübingen haviam criado nos anos 1990. Trata-se de biodiversidade e muitas outras coisas. E eu fiquei imensamente grato.

Abílio Baeta Neves: Pró-Mata.

Bernd Engler: Pró-Mata, isso mesmo.
E fiquei imensamente grato por poder visitar esse maravilhoso projeto em uma reserva natural e a estação de pesquisa que fica nessa reserva, e por poder ter uma primeira impressão também da maneira como a pesquisa é realizada no Brasil.

Abílio Baeta Neves: Se posso voltar ao nosso tema, eu proporia o seguinte. Há muito tempo tento compreender a situação da pesquisa universitária no Brasil.
E parto do princípio de que temos alguns desafios, principalmente para a universidade.
O primeiro é a interdisciplinaridade. Esse é hoje um passo necessário para a pesquisa.
Em segundo lugar, o desafio da internacionalização, da formação de redes, redes internacionais, plataformas de cooperação que sejam duradouras. Esse é um segundo desafio.
O terceiro desafio, para mim, tem a ver com governança. Ou seja, como desenvolver, em uma situação difícil, uma governança da universidade mais orientada estrategicamente. E o quarto desafio, para mim, é como aumentar a relevância, inclusive aquilo que a universidade faz para a sociedade.

Bernd Engler: Sim, basicamente os desafios são semelhantes. Entretanto, em sistemas educacionais diferentes, é claro. Mas a articulação interna da universidade, a maneira como as disciplinas interagem umas com as outras, é um grande desafio, e também um desafio permanente.
Precisamos sempre, diante das mudanças também nas ciências, voltar a colocar a interdisciplinaridade em primeiro plano.
Porque muitas questões, muitos desafios — também em razão das mudanças no mundo, das mudanças climáticas e de muitas outras coisas — só podem ser enfrentados de forma interdisciplinar.
Mas, de fato, na Alemanha existe um fenômeno particular: a política científica está muito

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

interessada em fortalecer as redes não apenas dentro da universidade, mas naturalmente também entre as próprias universidades, que em geral estão em uma situação de competição, e também, além disso, com as instituições de pesquisa extrauniversitárias, com os Institutos Max Planck, os Institutos Helmholtz e assim por diante. E, além disso, tudo isso novamente em nível internacional.
Portanto, no que diz respeito às políticas de financiamento, temos condições gerais quase iguais.
Mas um tema importante que você mencionou é a questão de como as universidades podem se reorientar nessa situação de fortalecimento da interdisciplinaridade, porque as chamadas estruturas de governança, na verdade, não estão voltadas para a mudança.

Abílio Baeta Neves: Sim, exatamente. Para mim, no Brasil, não vejo de modo algum a possibilidade de a própria universidade, uma universidade individual, mobilizar os recursos necessários para realizar essas mudanças.
E acho que isso tem muitas razões diferentes. Primeiro, o orçamento das universidades não é suficiente. E, segundo, a cultura acadêmica, por assim dizer, é muito tradicional. Isso é realmente mais um obstáculo do que um ponto de apoio para uma reforma da universidade ou para uma transformação da universidade de fora para dentro.
No Brasil, preciso dizer também, existe atualmente uma clara descontinuidade da política nacional de pesquisa e de ensino superior. Ou seja, às vezes se tenta, em uma determinada configuração de governo, avançar em uma direção e, logo depois, um novo governo toma um novo caminho. Isso é realmente muito complicado.
E essa é a minha pergunta: a Iniciativa de Excelência e a Estratégia de Excelência seriam realmente um instrumento para mobilizar a universidade em direção a essa transformação necessária? Deveríamos realmente tentar algo nessa direção para o Brasil?
Será que deveríamos talvez seguir por uma formulação de política de ensino superior e de política científica para o Brasil, para ver se realmente conseguimos criar a possibilidade, as condições, para um processo indutivo e transformador da universidade?
Essas são questões realmente muito atuais para nós no Brasil.

Bernd Engler: Pois é. Abílio, aí você tocou em um ponto importante. As universidades não são, por natureza e por iniciativa própria, voltadas para mudanças.
Temos as disciplinas, temos as culturas próprias de cada área, temos uma determinada cultura de governança, ou seja, a autogestão do corpo docente, que de fato devem apoiar todas as mudanças.

E, por isso, foi importante para nós na Alemanha, e provavelmente também para o Brasil, que sempre surgissem novos impulsos externos, ou seja, impulsos que desencadeassem mudanças, que exigissem mudanças.
E isso tem naturalmente a ver com o fato de que, na Alemanha, as universidades são financiadas pelos estados federados e pelo governo federal, mas, em geral, primeiro pelos estados federados; a grande pesquisa é mais financiada pelo governo federal.
E, portanto, também no nível dos estados federados, o financiamento pode ser condicionado a determinadas formas de transformação do sistema científico.

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

Provavelmente isso não é tão simples no Brasil, porque vocês têm uma grande mistura de universidades privadas e universidades públicas estaduais e federais, se estou entendendo corretamente.

Abílio Baeta Neves: Sim, isso está correto. Também temos, entre as universidades públicas, universidades estaduais e universidades federais.
E o interessante de observar no Brasil neste momento é, por exemplo, São Paulo. São Paulo é o estado mais rico do Brasil e tem três universidades estaduais que são realmente muito boas: a Universidade de São Paulo, a Universidade Estadual de Campinas e a UNESP. E vemos, por exemplo, que o reitor da Universidade de São Paulo já há alguns anos tenta negociar com o governo estadual para criar um programa de excelência para São Paulo. Ele tentou, na verdade, convencer o governo estadual: “Sim, São Paulo precisa disso!”. Para as universidades estaduais, as universidades federais e, de modo geral, para as universidades públicas. Porque São Paulo, além dessas três universidades estaduais, também tem outras universidades públicas, ou seja, universidades federais.
Mas, para esse cenário de ensino superior, para a pesquisa em São Paulo, seria muito interessante se São Paulo tivesse, por exemplo, uma Estratégia de Excelência para o estado. Isso é algo incomum no Brasil, mas também é possível no Brasil tentar criar uma política tão desafiadora no nível de um estado.
É uma tendência nova. Vamos ver o que acontece.

Bernd Engler: Quando a Iniciativa de Excelência foi lançada na Alemanha, em 2004, 2005, isso foi naturalmente resultado de um choque: a política educacional e a política científica constataram que as universidades alemãs não estavam no fim da fila, mas pelo menos não estavam posicionadas nos rankings internacionais tão bem quanto a política esperava. Acho que a pesquisa nas universidades alemãs sempre foi bastante boa, mas não estava no nível, no nível de excelência, que tivesse visibilidade internacional.
E, sobretudo, ainda não se tinha chegado ao ponto em que a articulação da pesquisa, internacionalmente, nacionalmente, também entre as universidades e, além disso — e isso era uma preocupação muito importante na Alemanha — com as instituições de pesquisa extrauniversitárias, essa cooperação já funcionasse de verdade.
E, como você já sugere, são sempre necessários impulsos externos. E, naturalmente, o impulso monetário, quando determinados campos de pesquisa em uma iniciativa de clusters recebem somas realmente altas, é particularmente forte.
E as pesquisadoras e os pesquisadores que atuavam em determinadas áreas de perfil nas universidades estavam naturalmente muito motivados para obter recursos que superavam em muito aquilo que o financiamento normal pelos estados federados ou pelo governo federal proporcionava.
E esse foi o verdadeiro impulso, além, naturalmente, do entusiasmo de determinados cientistas pela pesquisa. Mas isso frequentemente não é suficiente quando os recursos financeiros não estão disponíveis.

Abílio Baeta Neves: Sim, exatamente. E mesmo quando os recursos financeiros não são tão pequenos, eles precisam ser suficientes para que se possa realmente pensar no longo prazo e também planejar a pesquisa.
Atualmente não temos algo assim no Brasil, infelizmente.

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

São Paulo está discutindo, como eu disse, e tentando de alguma maneira encontrar seu próprio caminho nessa situação.
Justamente para as três universidades, as universidades estaduais e federais de São Paulo, a discussão sobre internacionalização e reconhecimento, ou reputação internacional da pesquisa, voltou a ser um tema muito importante. Porque são as universidades que, como universidades de pesquisa, estão na liderança no Brasil.
E apenas para complementar: São Paulo, economicamente falando, é mais forte do que a Suécia.

Bernd Engler: Só o estado?

Abílio Baeta Neves: Só o estado.
A melhor universidade de São Paulo, quando pensamos no ranking, está entre a 100ª e a 200ª posição. Isso começa novamente a ser um tema para São Paulo: criar um pouco mais de reputação para as universidades de São Paulo.

Bernd Engler: Então, com os recursos financeiros que o estado de São Paulo poderia investir, as universidades, na verdade, não deveriam estar entre a 100ª e a 200ª posição, mas mais provavelmente por volta da 50ª posição, considerando a capacidade de pesquisa, o número de cátedras e as cátedras extraordinárias que foram criadas.
Mas eu gostaria de retomar brevemente um tema importante. Depois voltamos novamente aos clusters e a coisas semelhantes.
Você falou que a perspectiva de longo prazo deveria ser, na verdade, um critério central para a formação estrutural nas universidades.
Eu sempre critiquei o fato de que atualmente, também na Alemanha e na Europa, se dá muito peso ao financiamento por projetos.
Ou seja, para projetos muito específicos, com temas específicos, que têm uma duração de cinco anos, se tivermos sorte, talvez também oito anos.
E minha experiência é que a formação estrutural em uma universidade é, de fato, um empreendimento de longo prazo. Porque, quando hoje fortalecemos ou criamos uma estrutura, uma nova disciplina — vou simplesmente tomar como exemplo aprendizado de máquina ou inteligência artificial — primeiro são necessários cinco anos para criar uma estrutura básica que consiga dar os primeiros passos com sucesso.
E, até criar realmente uma rede de pesquisa que desenvolva capacidade de projeção, sobretudo projeção internacional, são necessários dez a quinze anos.
E vocês provavelmente tiveram experiências semelhantes no Brasil.

Abílio Baeta Neves: Sim, evidentemente. Claro, mas, nesse sentido, não temos no Brasil muitas iniciativas que realmente pensem no longo prazo.
Como não dispomos de tantos recursos para a pesquisa, inclusive considerando o país como um todo, pensa-se mais em um projeto de curto prazo. Porque é simplesmente mais fácil de financiar, não é preciso tanto dinheiro. Mas também não se faz muita coisa.
E isso quase não tem influência sobre a estrutura da universidade. Não é um fator de mudança da estrutura da universidade.
E as universidades também não têm condições de, por conta própria, formular políticas institucionais com objetivos permanentes ou de longo prazo. Isso é muito complicado.

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

Por outro lado, apenas um outro ponto: a ideia de excelência no Brasil, em parte, não é tão fácil de implementar. Porque, como sempre digo, para os brasileiros vale o seguinte: nosso sistema de ensino superior é muito jovem, as universidades são muito jovens, elas ainda precisam se desenvolver e é direito de cada universidade se desenvolver, como todas as outras universidades, da maneira que quiser. É preciso fazer tudo ao mesmo tempo, dar a todas as instituições a mesma oportunidade.
Naturalmente, não temos isso, mas essa é a ideia, a maneira de pensar, de trabalhar segundo esse modelo.
E também se espera sempre do governo federal que, particularmente nos programas ou políticas de pesquisa, pense em todos ao mesmo tempo e promova o desenvolvimento conjunto e coletivo das instituições.
Isso é típico do Brasil.
Na CAPES, tentamos desenvolver uma espécie de iniciativa de excelência e a reação foi terrível. A reação negativa foi terrível.

Bernd Engler: A reação negativa foi terrível?

Abílio Baeta Neves: Foi muito ruim. Ou seja, foi tão forte que só pudemos avançar até determinado ponto e depois não foi mais possível.

Bernd Engler: Bom, mas nós também temos, naturalmente, essa tendência de que os recursos para pesquisa precisam ser distribuídos de forma igualitária. Que todos tenham a mesma oportunidade.
Isso é uma regra, na verdade uma regra de que não há vencedores. Porque, se há — essa é a ideia geral — vencedores, então também tem que haver perdedores.
E, nesse sentido, é claro que uma condição para uma iniciativa de excelência desse tipo é que sejam investidos recursos substancialmente novos, novos recursos, nas áreas que forem selecionadas, nos clusters, por exemplo. E que o financiamento das outras áreas das universidades, tanto dentro de uma universidade quanto, de modo geral, nos sistemas universitários, ou seja, que esse financiamento básico não seja reduzido nem cortado. E acho que esse foi o verdadeiro segredo do sucesso da Iniciativa de Excelência e, mais tarde, da chamada Estratégia de Excelência: foi investido um volume extremamente grande de dinheiro adicional.
Mas, apesar disso, houve justamente dentro da universidade — penso também na Universidade de Tübingen — a discussão: “Sim, se fizermos uma formação de perfil e destacarmos algumas áreas, as outras ficarão para trás”. E essa é também a tarefa da chamada governança universitária, da direção da universidade: encontrar o equilíbrio correto. Por um lado, entre a formação de perfil, a identificação de áreas de perfil, e a missão educacional geral que a universidade como um todo tem, abrangendo todas as áreas, sem colocar em segundo plano as áreas que agora não são financiadas pela Iniciativa de Excelência.
Com certeza isso também será extremamente difícil no Brasil.

Abílio Baeta Neves: Sim, claro.
Mas uma outra questão: Iniciativa ou Estratégia de Excelência e a relevância social da universidade. Existe uma experiência positiva nesse sentido?

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

Bernd Engler: Sim. A política federal estabeleceu no edital, especialmente na segunda rodada, o critério da relevância, ou seja, do retorno para a sociedade como um todo, da geração de valor para a sociedade como um todo. E geração de valor não significa apenas algo industrial ou relacionado às empresas, mas geração de valor no sentido mais amplo da sociedade, incluindo o setor educacional.
Porque a pesquisa nas universidades era frequentemente autorreferente e autossuficiente. Na verdade, não se sentia a obrigação de prestar contas do que se fazia com os recursos públicos.

Bernd Engler: E então a política disse: "Mas queremos ver com mais precisão qual retorno vocês efetivamente geram para a sociedade", mas não apenas no sentido econômico, e sim também no sistema educacional da sociedade como um todo.
E isso levou a uma mudança de pensamento. E acho que hoje muitos não apenas projetos de pesquisa, mas também projetos de ensino, se perguntam como podem contribuir para a sociedade, para a convivência social.
Nas ciências sociais, discute-se como ocorre a comunicação política, como se dá a nossa comunicação, da ciência para a sociedade.
E um belo exemplo, que vocês certamente também tiveram no Brasil, foi a pandemia de Covid-19: a ciência teve que explicar por que determinadas decisões foram tomadas e qual contribuição elas poderiam dar para a saúde das pessoas.
Abílio Baeta Neves: Sim, isso é um tema no Brasil, justamente porque o investimento público no ensino superior está aumentando cada vez mais, também na área de pesquisa.
Mas existe um limite superior e, assim, há uma disputa política pelos mesmos recursos. Ou seja, os recursos públicos estão no centro das reivindicações políticas de todos os setores da sociedade.
Nesse sentido, as universidades precisam prestar contas de melhor forma, justificar-se melhor socialmente.
E esse é um ponto no Brasil, um ponto muito difícil para nós.

Bernd Engler: Na Alemanha, pelo menos nos últimos dez anos, eu diria, constatamos que a ciência é fortemente atacada. Alguns dizem que ela está sendo deslegitimada, que perdeu sua justificativa, e isso através das redes sociais.
E a Covid-19, curiosamente, também contribuiu para isso, porque muitas das decisões do governo, que eram baseadas em evidências científicas, foram atacadas e a ciência como um todo foi colocada em questão.
E, com isso, muitos cientistas também perceberam que precisam explicar o que fazem, por que fazem e qual benefício para a sociedade resulta disso.
Ou então tomemos a IA. Certamente no Brasil, como aqui, é também um tema de muita controvérsia.

Abílio Baeta Neves: Sim, e como vamos seguir em frente? No Brasil, pelo menos, estamos tentando lidar com uma situação difícil. Ou seja, temos um grande problema com a universidade. Temos uma deficiência na formulação das políticas governamentais para a universidade e também para a ciência. E a situação mundial atualmente também não é particularmente confortável, por assim dizer.

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

Também temos dificuldades com essa iniciativa nos Estados Unidos, porque muitos grupos de pesquisa no Brasil eram, em grande medida, vinculados a grupos de pesquisa norte-americanos.
Essas redes, que normalmente eram coordenadas pelos Estados Unidos e também financiadas principalmente pelos Estados Unidos, já não existem como existiam antes. E isso torna a situação da ciência, da pesquisa universitária no Brasil, realmente bastante complicada.
Principalmente por meio do diálogo e da cooperação, da cooperação internacional, podemos de alguma maneira encontrar caminhos para lidar com isso. Caso contrário, não funciona.

Bernd Engler: Mas, se eu retomar a sua observação sobre o papel dos Estados Unidos e seus efeitos sobre a política internacional de pesquisa, então, naturalmente, aquilo que o atual governo dos Estados Unidos está fazendo faz parte de uma estratégia de deslegitimação. Quando se afirma que campanhas de vacinação não servem para nada, que são até prejudiciais, então naturalmente toda a pesquisa realizada em infectologia ou em pesquisa climática — porque a mudança climática não seria causada pela ação humana — é descartada como irrelevante.
Então nos encontramos naturalmente em uma situação em que, no nível nacional, também estamos sob maior pressão para legitimar a ciência.
E, além disso, muitos programas que, como você disse, eram coordenados pelos Estados Unidos, agora estão sendo questionados. Na área de pesquisa em saúde, a forte redução do National Institutes of Health nos Estados Unidos tem um impacto direto sobre aquilo que fazemos aqui na Alemanha e, com certeza, também sobre a política de pesquisa brasileira.

Abílio Baeta Neves: Sim, na América Latina, principalmente na América do Sul, por exemplo, o Chile depende muito da cooperação com os Estados Unidos, a Argentina também.

Bernd Engler: Mas isso significa, então, que, diante da situação atual, deveríamos na verdade fortalecer ainda mais os programas binacionais ou multinacionais que gostaríamos de manter também fora dos Estados Unidos, caso eles não queiram participar, e garantir que os resultados da pesquisa, justamente por meio da cooperação internacional, sejam preservados de qualquer maneira, mesmo sem o apoio dos Estados Unidos.

Abílio Baeta Neves: Sim, acho que isso fica muito claro para a Europa, por exemplo. Na América Latina ou na América do Sul, olha-se agora novamente para a Europa.
A Ásia é, naturalmente, muito forte, mas a Ásia ainda é bastante complicada.
Com o Japão já era muito complicado; com a China é ainda mais complicado negociar. Eles têm dinheiro, produzem ciência cada vez melhor, mas é complicado. Outros países do Leste Asiático, por exemplo, têm pouca tradição de cooperação acadêmica.

Bernd Engler: Se eu tomar a IA como tema: com a China podemos cooperar na área de inteligência artificial, mas não podemos competir — é assim que preciso formular, porque a China investe, em um ano, várias vezes mais do que a Alemanha, por exemplo, investe em pesquisa de IA em dez anos.
E a dinâmica que isso desencadeia é naturalmente enorme. Mas, se nós, na Alemanha, não pudéssemos — competir, desculpe — na pesquisa de IA com a China, poderíamos competir

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

se tornássemos a pesquisa mais internacional, se, por exemplo, todas as instituições europeias de pesquisa em IA trabalhassem juntas e, além disso, com instituições de pesquisa em IA na América Latina, no Canadá, onde quer que seja.Então teríamos, acredito, a massa crítica para poder competir com a China.

Abílio Baeta Neves: Sim, também acho. É uma boa ideia. Sempre tenho a impressão de que os países individuais da Europa — naturalmente existe o European Research Council e os grandes programas dos europeus, e há também muito dinheiro nisso.
Mas acho que aquilo que você apresentou agora é uma orientação estratégica, uma orientação para uma igualdade de oportunidades de desenvolvimento da ciência e da pesquisa em determinadas áreas estratégicas.
É algo muito interessante.
Bernd Engler: Temos na Europa o European Research Council, como você mencionou corretamente.
Isso é decisivo também para intensificar a competição não apenas entre as universidades, mas também entre os países. E é revelador que, nos grants do European Research Council, os Países Baixos e também a Itália, proporcionalmente ao número de pesquisadores, estejam claramente à frente da Alemanha.
Porque esses países entenderam que precisam criar programas de financiamento que também articulem, dentro das próprias nações, os chamados incentivos estabelecidos pelo European Research Council, que precisam ser melhor coordenados, melhor conectados e assim por diante.
E acho que no Brasil talvez existam esforços semelhantes, talvez em nível nacional, para fortalecer a cooperação no financiamento.
Mas como é? Se no Brasil existe isso, talvez não haja cooperação com outros países latino-americanos? Ou existe uma instituição semelhante?

Abílio Baeta Neves: Não, não existe. Não temos na América Latina ou na América do Sul algo como o European Research Council.
A cooperação acadêmica, a cooperação científica entre grupos de pesquisa do Brasil, da Argentina, do Chile e da Colômbia é muito difícil de realizar. Principalmente porque esses países têm ainda menos dinheiro do que o Brasil para financiamento.

Bernd Engler: Mas você me contou ontem ou anteontem que o Brasil tem um novo programa, o dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia. E como é que funciona esse?

Abílio Baeta Neves: É uma rede de pesquisadores, por assim dizer, de diferentes instituições, que normalmente trabalham em determinado tema abrangente, às vezes também em um tema interdisciplinar, e isso é realmente uma rede nacional. Tem que ser uma rede nacional. Pelo menos quatro universidades precisam ter um papel nela.

Bernd Engler: Mas, quando essas cooperações são iniciadas, elas automaticamente também levam à formação de perfis dentro das universidades, porque não é possível cooperar em todas as áreas, e é preciso tomar decisões nesse sentido. E então precisa existir uma governança que tome uma decisão desse tipo. Como as decisões são tomadas?

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

Abílio Baeta Neves: Sim, exatamente. É assim como se faz:
Numa universidade grande, digamos, em uma universidade federal, a universidade, em princípio, não faz muito mais do que administrar. Fica a cargo do grupo de pesquisa decidir se realmente quer elaborar e formular o projeto e participar do edital ou não. E a decisão não é tomada pela própria universidade, mas delegada à comissão de seleção do programa.
Em uma universidade menor, como a PUC, onde de fato se tem uma visão melhor das atividades de pesquisa, percebe-se mais uma decisão estratégica da instituição: vamos estabelecer prioridade nessas três ou quatro áreas. Isso é normal.
Isso torna, por exemplo, essa universidade católica um parceiro muito interessante também para a cooperação internacional. Porque é algo administrável. Com quem podemos realmente contar? E tenta-se fazer isso pelo menos a médio prazo.

Bernd Engler: Quero dizer, a formação de perfil nas universidades é, na verdade, inevitável. Por um lado, nos últimos 20, 30 anos, as áreas se diferenciaram muito. Vou tomar a Biologia. A Biologia era, há 30 anos, algo completamente diferente do que é hoje. Hoje temos, dentro do grande campo da Biologia, biologia molecular, microbiologia, medicina infecciosa e assim por diante.
E, portanto, uma universidade, mesmo que pudesse investir muitos recursos, nunca conseguiria sozinha investir recursos suficientes para ter a chamada massa crítica necessária para adquirir todos os instrumentos de pesquisa altamente inovadores, equipamentos e assim por diante.
E, por isso, estamos sempre dependentes da cooperação com outros. E isso também fazia parte da iniciativa de clusters.
Mas como fica a massa crítica nesses consórcios que vocês criam no Brasil? De quantas universidades é preciso a cooperação para alcançar, de fato, uma massa crítica?

Abílio Baeta Neves: Isso depende um pouco da área.

Bernd Engler: As quatro universidades de que você falou são suficientes?

Abílio Baeta Neves: Por exemplo, em São Paulo. Elas poderiam, na verdade, criar entre si instituições ou clusters de pesquisa realmente muito bons. Isso não seria problema algum. No Sul do Brasil, temos algumas experiências de cooperação entre a universidade católica e a universidade federal pública em Porto Alegre. Já existem algumas experiências e uma cooperação acadêmica muito boa, com bons resultados.
Mas, por exemplo, para um Instituto Nacional, exige-se que as universidades cooperantes não sejam do mesmo estado.

Bernd Engler: Isso naturalmente nos diferencia também, quando pensamos na Iniciativa de Excelência.

Abílio Baeta Neves: E isso torna as coisas um pouco mais complicadas no Brasil, porque o Brasil não é pequeno. Um estado no Norte do Brasil fica a 3.000 quilômetros de distância. Isso traz um problema adicional.
Como tornar essa cooperação nacional produtiva?

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

Bernd Engler: Então, de fato, esse é um tema em todos os nossos programas de financiamento na Alemanha: é preciso comprovar, nas cooperações para além da própria universidade — e isso também é analisado intensamente — que a cooperação pode funcionar, por exemplo, apesar da distância geográfica.
Acho que, no fim das contas, ainda assim é importante que cooperemos à distância, mesmo quando a distância geográfica traz problemas adicionais.
E então são necessárias, por exemplo, cooperações com instituições de pesquisa da indústria.
Isso também é promovido pelo programa de vocês, para que vocês estabeleçam mais conexões com empresas industriais, empresas farmacêuticas etc.?

Abílio Baeta Neves: Sim, atualmente isso já é quase uma condição para esses projetos. Eles precisam prever pelo menos cooperação ou interação com parceiros de fora da área acadêmica, por exemplo, na área de Biologia ou Medicina, ou com empresas farmacêuticas ou algo assim. Em uma área com diferentes tipos de indústria.
Isso também tem a ver com a tentativa de passar, no Brasil, da ciência para a inovação.

Bernd Engler: Sim. É um tema muito interessante.

Abílio Baeta Neves: E os novos INCTs, esses Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia, também têm essa conexão como condição.

Bernd Engler: E aí inovação não é apenas um slogan, mas, como você disse, uma condição.

Abílio Baeta Neves: Condição, sim. É preciso provar que o grupo de pesquisa não tem apenas contato, mas também algum tipo de articulação nessa área de pesquisa, com a intenção de gerar resultados, não apenas como resultado científico, mas também eventualmente algo que possa ser útil para uma empresa ou companhia como um produto de valor ou um processo.

Bernd Engler: Ou seja, geração de valor para além da ciência: não apenas olhar para a ciência e perguntar quais avanços ela produz na própria ciência, mas também inovação na área de tecnologia.
Mas o tema interessante é, naturalmente, como uma universidade consegue comercializar a pesquisa — vou usar o termo, mesmo que ele provavelmente não seja muito bem-vindo. Porque também preciso deixar claro que tenho algo a oferecer à indústria para entrar nessas cooperações.
Existem programas específicos, inclusive programas para startups? Esse é um tema relativamente novo na Alemanha.

Abílio Baeta Neves: Sim, existem, existem. Isso também existe no Brasil. E o que se vê atualmente no Brasil, em termos de resultados positivos, é o desenvolvimento de startups com base na pesquisa realizada na universidade.
Ou seja, uma determinada área de pesquisa chega até certo ponto, a partir do qual talvez seja possível apoiar startups. Porque as relações, os contatos ou a cooperação entre os grupos de pesquisa da universidade e as grandes empresas são raros no Brasil.

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

As grandes empresas no Brasil são as multinacionais. E elas fazem pesquisa na Europa ou nos Estados Unidos.
O que normalmente pedem à universidade é de alguma maneira uma pequena contribuição para um determinado tipo de coisa. Isso não tem nada a ver com pesquisa de grande porte. Também não tem nada a ver com inovação disruptiva. Isso elas fazem em outros lugares.
Mas, por exemplo, o novo desenvolvimento de startups com base em pesquisa é interessante e está sendo visto cada vez mais no Brasil. Isso também é apoiado com recursos públicos em diferentes instâncias.

Bernd Engler: Embora também seja possível ter sucesso quando se ocupam determinados nichos que uma empresa não tem.
Para dar um exemplo, volto agora à pandemia, à Covid-19. As vacinas precisavam ser testadas quanto à sua eficácia. E uma empresa farmacêutica precisa das universidades e, sobretudo, dos hospitais universitários, para poder realizar esses testes de forma cientificamente acompanhada e fundamentada.
Provavelmente também é preciso deixar claro quais serviços a ciência pode oferecer à economia ou às empresas.
Então isso, penso, não deve ser diferente no Brasil: as universidades podem oferecer serviços.

Abílio Baeta Neves: Sim, claro, isso está correto.
Mas o que eu queria dizer antes é que não temos essa presença dos empresários, dos empreendedores privados, da indústria ou sei lá o quê, como parceiros da universidade, no sentido de que eles realmente tragam grandes projetos para a universidade para obter de alguma maneira uma contribuição da universidade.
Não é como na Europa ou nos Estados Unidos. Setenta por cento dos recursos para pesquisa no Brasil ainda vêm do Estado. Ou quase 80%.

Bernd Engler: Sim, para as universidades na Alemanha, com certeza também.

Abílio Baeta Neves: Sim, para as universidades, mas não no total.

Bernd Engler: Ah, ok. Entendí. Na Europa, a pesquisa, em termos de financiamento, é realizada majoritariamente fora das universidades. É isso.

Abílio Baeta Neves: Esse não é o nosso caso. A pesquisa é uma questão da universidade ou de algumas instituições de pesquisa.
Não temos tantas sociedades como aqui, por exemplo, Max Planck, Helmholtz ou algo assim. Mas temos algumas empresas, por exemplo, a Embrapa. A Embrapa é uma empresa estatal de pesquisa na área de ciências agrárias e tem resultados muito bons.

Mas normalmente a pesquisa é realizada na universidade.

Bernd Engler: Bom, e as empresas, naturalmente, porque prestam atenção ao retorno, ao valor agregado de uma cooperação, talvez não sejam sempre tão confiáveis em termos de perspectiva de longo prazo quanto o financiamento estatal.

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

E eu já disse no início que, para mim, um tema central sempre foi que os programas, os programas de financiamento, não tenham fôlego curto, não operem no curto prazo, mas ofereçam uma perspectiva ao longo do tempo.
E, por isso, acredito que, no final das contas, a Estratégia de Excelência, ou a Iniciativa de Excelência — ou ela já é — será muito bem-sucedida.
Porque sempre foi concebida para o longo prazo. E o compromisso da política de dizer: isso não será apenas uma rodada, mas duas rodadas, três rodadas, e depois haverá formatos de financiamento comparáveis que entrarão em vigor. Esse é o verdadeiro sucesso da Estratégia de Excelência.

Abílio Baeta Neves: Sim. Por isso acho que você deveria voltar ao Brasil. Desta vez para compartilhar experiências. A sua experiência como alguém que realmente participou disso e conhece o desenvolvimento de toda essa história.

Bernd Engler: Bom, eu conheço os efeitos negativos, mas naturalmente também os positivos, e acho que, no conjunto, os efeitos positivos são, de longe, decisivamente predominantes. Então, eu tenho experiência com três fases, três rodadas da Iniciativa de Excelência. Também houve mudanças, assim como existem mudanças nos formatos de financiamento no Brasil.
Vocês têm, de um lado, algo mais orientado para a competição entre as universidades; depois têm um programa que atua mais na direção da cooperação.
E todas essas iniciativas têm sua justificativa e certamente produzem efeitos.

Abílio Baeta Neves: Mas existe essa outra parte do programa, essa universidade de excelência. É um programa em si, ou seja, com outros objetivos, outras condições e outros instrumentos para promover esse processo de transformação da universidade.

Bernd Engler: Os jovens pesquisadores desempenham, para nós, também um papel importante na formação da estratégia.
Mas tenho a impressão de que, no Brasil, há também um foco importante nos programas de pós-graduação e de pós-doutorado, para, em princípio, fortalecer a pesquisa e iniciar novas inovações. Como isso é implementado no Brasil?

Abílio Baeta Neves: O Brasil tem uma situação particular por causa da CAPES. A CAPES é uma organização que apoia principalmente os programas de pós-graduação. Ou seja, com bolsas para doutorado e mestrado em todo o Brasil.
Mas existe também — e isso é uma nova tendência também em São Paulo — a FAPESP, que é a organização regional de financiamento, que oferece apoio a estudantes de mestrado e doutorado dentro de projetos.

Bernd Engler: Dentro de projetos? Então também uma formação de perfil por meio de projetos?

Abílio Baeta Neves: Nesse contexto, estudantes de doutorado e mestrado são financiados. Assim, eles já fariam parte de um projeto desde o início.

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

Bernd Engler: Sim. E qual é a mobilidade dos estudantes? Na Alemanha é assim, por exemplo, que alguém que faz sua dissertação de mestrado na Universidade de Tübingen e também obtém seu diploma, depois procura onde tem as melhores condições para fazer seu doutorado.

Abílio Baeta Neves: Não é particularmente alta no Brasil atualmente. Não. Por quê? Porque a política oficial é de promover a criação de cada vez mais programas de doutorado ou de pós-graduação.
Assim, as universidades mais recentes têm a possibilidade de desenvolver seus próprios programas de doutorado, de pós-graduação ou de mestrado, porque isso é mais conveniente para os estudantes da região, já que também não é tão fácil no Brasil mudar do Norte para o Sul.

Bernd Engler: Claro. Por causa do tamanho do país.

Abílio Baeta Neves: Procura-se ficar o máximo possível na região.

Bernd Engler: Então, se eu olhar para a Alemanha, uma estudante que muda de Tübingen para Heidelberg não está indo exatamente para uma região completamente diferente. É evidente.

Abílio Baeta Neves: Por exemplo, em determinados estados seria fácil criar essa possibilidade, mas para todo o Brasil não. Por exemplo, São Paulo, até 20 anos atrás, era responsável pela formação de mais da metade dos doutorandos no Brasil.

Bernd Engler: São Paulo, sozinho?

Abílio Baeta Neves: São Paulo. Principalmente a USP, mas também as outras. Agora não mais, devido à criação de novos programas de pós-graduação nas novas universidades.

Bernd Engler: Mas as universidades conseguem realmente criar uma lealdade tão forte entre seus estudantes que eles permanecem no local, na universidade, quando procuram qualificações adicionais?
Abílio Baeta Neves: Não, não conseguem. Eles ficavam em São Paulo. Não voltavam. Esse é o problema. Porque as possibilidades em São Paulo também são completamente diferentes.
Mas atualmente existe essa outra tendência. Isso também pode ser criticado de outra maneira: em São Paulo existem até muitos programas de pós-graduação que atualmente não têm estudantes ou doutorandos suficientes. Poderiam ter muito mais. E são muito bons. Mas não recebem mais estudantes ou doutorandos porque esses permanecem nesses novos programas de pós-graduação.
Pois é, isso é estranho. Vamos ver como isso se desenvolve. Às vezes há no Brasil uma política que vai de um lado para o outro. De um lado, estimula-se a criação de novos programas de doutorado e, de outro, tenta-se apoiar os melhores grupos, os melhores

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

programas de pós-graduação, com recursos especiais, mas eles podem então ficar sem estudantes, porque os estudantes já não vão para São Paulo, Brasília ou Porto Alegre.

Bernd Engler: No início da nossa conversa, também falamos mais detalhadamente sobre a motivação dos cientistas para se afirmarem na competição. E, na verdade, falamos quase apenas sobre a motivação criada por recursos financeiros adicionais.
Um psicólogo chamaria isso de motivação extrínseca. Ou seja, uma motivação que não está tão profundamente ancorada na personalidade do cientista que não possa também desaparecer rapidamente.
Ou seja, no momento em que os programas de financiamento terminam ou em que a pessoa deixa de ser bem-sucedida, a motivação extrínseca é zero, eu diria, ou próxima de zero.
Será que existe também entre os pesquisadores aquilo que se poderia chamar de motivação intrínseca, de que eles pesquisam por iniciativa própria, porque são apaixonados por isso? Mas também existem outras formas de motivação intrínseca.

Abílio Baeta Neves: Acho que sim. Eu poderia imaginar o seguinte: por exemplo, se trabalho em uma universidade e sinto que faço parte de um projeto, de um projeto institucional com sentido, de um projeto que realmente faz sentido para a sociedade, para a ciência, eu permaneceria na universidade. Às vezes também vemos isso no Brasil.
O dinheiro não é o último e único argumento decisivo para decidir se alguém permanece ou não em determinada universidade. Ou por que deveria fazer pesquisa nessa direção ou naquela outra direção? Mas, naturalmente, dinheiro é importante.

Bernd Engler: Fundamental, podemos dizer.

Abílio Baeta Neves: Ou seja, sem dinheiro não dá. Infelizmente, as universidades no Brasil têm pouquíssimo dinheiro próprio para financiar pequenos projetos de pesquisa.
Ajudaria muito se uma universidade tivesse um projeto próprio, também diante da sociedade. Acho que universidades menores talvez tivessem muito mais possibilidades de criar uma pesquisa coletiva na forma de um projeto coletivo. Também na área da cooperação internacional.
Como universidade grande, isso é um problema. Por exemplo, na USP, Universidade de São Paulo: a USP é uma universidade de massa. Mais de 90 mil estudantes. 25 mil em programas de pós-graduação ou programas de mestrado.

Bernd Engler: Meu Deus!

Abílio Baeta Neves: E 6.000 ou 7.000 docentes, professores.

Bernd Engler: Isso já não dá para acompanhar. A formação de estratégias também deve ser muito, muito difícil.

Abílio Baeta Neves: Somente de forma realmente direcionada e com muito dinheiro. Somente com dinheiro, então, somente com dinheiro.

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

Bernd Engler: Mas, no que diz respeito à estrutura universitária, o papel de um reitor de faculdade, de um dean, em uma universidade tão grande é enormemente importante. Provavelmente mais importante do que o de um reitor da universidade.

Abílio Baeta Neves: Sim, mas o reitor da universidade é o que sempre precisa lutar pelo orçamento.
Nesse sentido, não temos a figura do chanceler da universidade. O presidente da universidade ou o reitor assume todas as funções importantes, por assim dizer: representação política, representação acadêmica, mas também administração. Ele é o chefe da administração.

Bernd Engler: Mas esse reitor não teria o poder de dizer: "Quero que minha universidade desenvolva agora um perfil ou uma característica distintiva em uma área como biodiversidade"?

Abílio Baeta Neves: Sim. Isso poderia ser feito, mas como uma iniciativa adicional. Com recursos adicionais. Com recursos adicionais e iniciativas adicionais. "Agora vamos criar aqui um centro de pesquisa climática ou de biodiversidade!"
O que normalmente acontece é que professores da universidade de diferentes áreas e departamentos são selecionados e então assumem essa tarefa.

Bernd Engler: Ok, e então isso se torna um projeto interdisciplinar.

Abílio Baeta Neves: Sim, normalmente será interdisciplinar.

Bernd Engler: Quantos projetos vocês têm na PUC?

Abílio Baeta Neves: Na PUC temos, além desses quatro Institutos Nacionais de Ciência, com suas características, acredito que seis grupos.
Um em pesquisa do cérebro, um em clima, um em transição energética e também há um em gerontologia. Acho que cinco ou seis grupos. Como digo, a PUC é mais fácil de coordenar.

Bernd Engler: Mas essas são justamente áreas que correspondem àquilo que na Alemanha se considera a "Third Mission", como serviço à sociedade.
Elas podem solicitar ou alegar facilmente essa legitimação, porque a pesquisa climática é um tema central, a ecologia já é por si só, e assim por diante.
Isso foi um tema enorme na Alemanha, porque tínhamos as universidades como instituições de pesquisa básica e as universidades de ciências aplicadas. E isso vem convergindo fortemente.
Mas lembro que, quando elaboramos em 2011 o programa para nossa Iniciativa de Excelência, nosso lema era "Research", ou seja, pesquisa básica, "Relevance", que vai na direção da pesquisa aplicada, e "Responsibility", que é, por assim dizer, o serviço à sociedade, ao sistema educacional e assim por diante, e a todo o sistema científico.
E isso foi muito discutido. Primeiro, interferência na liberdade de pesquisa e ensino: Como um reitor pode chegar e lançar no mundo um lema desses? E então se dizia: bem, a universidade vai acabar virando uma espécie de universidade de ciências aplicadas, dando tanta ênfase à pesquisa aplicada.

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen

O que é o absurdo nisso, é que, se hoje você tem um projeto como pesquisador de pesquisa básica na área de Medicina, antigamente era comum que os pesquisadores, no momento em que o trabalho caminhava em direção à aplicação, não continuassem trabalhando. Eles se voltavam para outro tema.
E isso é uma mudança cultural. Hoje é aceito que, naturalmente, se continue pesquisando e perguntando: “Isso pode então ser transformado, na Medicina, em terapia e outras coisas, na prática clínica?”
Portanto, na Medicina, havia ainda mais uma transição da pesquisa básica para a pesquisa aplicada do que nas Geociências, na Biologia e assim por diante.

E é muito bonito ver que as universidades, apesar de suas diferenças, precisam sempre se reencontrar e provavelmente até se reinventar, com seu programa, com sua governança, com suas redes, com suas estratégias de internacionalização.
E, para mim, a comparação Brasil-Alemanha é sempre muito interessante, porque o Brasil é diferente e, ao mesmo tempo, precisa enfrentar desafios semelhantes em muitas áreas.

Então, sim, Abílio, foi uma oportunidade maravilhosa para uma nova troca de ideias. Nós já nos encontramos algumas vezes, seja no Brasil ou aqui na Alemanha. E, para mim, é sempre um enorme enriquecimento, uma verdadeira experiência de aprendizado, porque sempre aprendo alguma coisa.

E, sobretudo, é interessante ver como o Brasil também continua se desenvolvendo dinamicamente na política científica.
Às vezes, talvez, na minha opinião, não na direção correta, fortemente orientada para a competição.

Abílio Baeta Neves: A oportunidade também foi mais do que interessante para mim. Ainda aprendo muito com o que acontece aqui na Alemanha.
Para mim, a cooperação teuto-brasileira na área de ciência e ensino superior sempre foi a cooperação mais confiável que tivemos.
Sempre temos a possibilidade, nessa cooperação, de realmente criar coisas mais concretas, de forma simétrica, ou seja, realmente como cooperação e não como uma espécie de nova forma de relações coloniais.

Bernd Engler: Uma bela imagem que você usou, a de que realmente podemos cooperar, e em condições de igualdade.
E preciso confessar que, sempre que visitei universidades no Brasil, constatei que essas universidades também têm muito a nos oferecer, porque podem oferecer expertise em áreas que ainda não estão tão desenvolvidas entre nós.
E esperamos agora, naturalmente, ter dado aos nossos ouvintes alguns estímulos, algo interessante.

Abílio Baeta Neves: E eu espero que nos vejamos novamente em breve no Brasil.

© Martina Schulze
Produção: Martina Schulze e Zentrum für Medienkompetenz da Universidade de Tübingen
Arte: Ana Paula Alvarez Calegari
Apoio: Brasilien- und Lateinamerika-Zentrum da Universidade de Tübingen